

Interpretação Urbanística da Formação Metropolitana de Lisboa a Partir do Desocupado.

Sofia Morgado

Arquitecta Professora Auxiliar da F.A.U.T.L.

smorgado@fa.utl.pt

Resumo

A ausência é o protagonista contemporâneo das metrópoles.

Ante o convite de vários autores verificou-se que ainda não se tinha interpretado uma metrópole concreta, averiguando as circunstâncias de ocorrência dos espaços desocupados, ainda que sempre estivessem latentes nas leituras urbanísticas convencionais, a partir do espaço ocupado. Assim, o percurso da investigação determinou uma abordagem de estrutura muito simples e extraordinariamente flexível organizada em cinco períodos de tempo, cuja interpretação radica na elaboração de uma cartografia inédita do território metropolitano de Lisboa. A área geográfica considerada neste trabalho definiu-se do ponto de vista das coerências funcional e morfológica, e coincide, parcialmente, com os limites administrativos da actual Área Metropolitana de Lisboa.

Palavras Chave: Território Metropolitano de Lisboa; Área Metropolitana de Lisboa; Formação Metropolitana; espaços desocupados; interpretação urbanística.

Um Desafio em Aberto

O trabalho de investigação, sobre o qual se apresentam estas breves notas metodológicas, pretende contribuir para uma teoria da metrópole contemporânea, atendendo a várias questões relevantes que os mais destacados autores colocam sobre a condição da ausência, que protagoniza as cidades actuais. A um desafio teórico assim como à própria experiência quase exclusivamente sensorial responde esta reflexão resultante de uma análise directamente aplicada ao território metropolitano de Lisboa.

Nesta investigação apresenta-se o espaço desocupado como guião de leitura da Lisboa metropolitana tratando de justificar como influiu nos vários estados de desenvolvimento até à condição que hoje apresenta, através da definição de formas de ocupação assim como das relações entre elas.

Este tipo de espaços, frequentemente considerados *nada* ou *vazios*, contêm testemunhos e caracteres próprios originados pelas suas condições geográficas ou por influência de determinadas formas de ocupação humana. Assim, os espaços aparentemente carentes de sentido tornaram-se progressivamente mais evidentes e protagonistas, ainda que silenciosos, na formação da metrópole.

Conjuntamente com o convite feito por vários autores de estudos importantes de interpretação de metrópoles europeias (Font, Secchi, Dematteis, Indovina, Hall) conhecer a formação urbanística do território ao longo do tempo era de importância determinante para que se pudessem entender os motivos e justificações da metrópole actual.

A resposta a este desafio consistiu na construção de uma metodologia que permitisse interpretar uma formação metropolitana concreta a partir do espaço desocupado. Por um lado, havia que justificar que os espaços desocupados realmente determinam vários estados de evolução urbanística conducentes a uma condição efectivamente metropolitana. Por outro, havia que eleger uma metrópole onde essa premissa fosse relevante, o que sucede na de Lisboa, que se constitui em torno de um grande espaço central desocupado: o Estuário do Tejo.

Conheciam-se, igualmente, projectos de investigação onde era central a interpretação cartografada do ponto de vista do edificado e das infraestruturas, nos quais já se havia identificado a relevância do espaço desocupado como fundamental na construção metropolitana. Tornou-se pois oportuna esta investigação na qual o desocupado é o protagonista na leitura da formação urbanística de uma metrópole europeia.

Paralelamente ao convite dos autores mencionados, e à sua organização em torno do Estuário do Tejo, a eleição do território metropolitano de Lisboa justificou-se por ser um território conhecido sectorialmente sobre o qual ainda não havia um estudo da formação urbanística e metropolitana nos termos que se propunham. Igualmente, por se tratar de uma metrópole recente cuja formação urbanística apontava linhas particularmente interessantes e ainda não interpretadas desde o ponto de vista da sua morfogénese.

Consistindo o objecto de estudo na interpretação da formação urbanística de Lisboa metropolitana a partir do desocupado, recorreu-se ao conhecimento dos seus antecedentes e ao estudo da sua formação a través da produção de uma cartografia organizada em cinco períodos onde as morfologias identificadas se organizam segundo uma única matriz de leitura constituída por três determinantes fundamentais: a água, a terra e a criação artificial.

A partir desta matriz, identificaram-se morfologias de espaços desocupados, utilizando sempre critérios conceptuais e cartográficos idênticos. Considerando os motivos e as formas de ocupação, bem como o modo como se inter-relacionam, caracteriza-se não apenas a metrópole de Lisboa mas também tendências imediatas de desenvolvimento.

Esta matriz de leitura permitiu estabelecer um critério de análise coerente em todos os estados de formação metropolitana apresentados. Além disso, pôde verificar-se como os três elementos se relacionaram entre si caracterizando o estado territorial

assim como cada um, ao longo do tempo, foi adaptando-se às circunstâncias da própria formação metropolitana.

Consequentemente, o estudo organizou-se em cinco capítulos principais, cada um explicitando um estado da formação metropolitana num momento próprio através de leituras adaptadas e derivadas do papel tomado pelos seus três determinantes, destacando-se em cada leitura um tema dominante e significativo do período a que se reporta:

1860 | o fundamento da metrópole: as formas da água e da terra eram, neste período, os principais determinantes da formação urbanística, resultando directamente delas a criação artificial que definitivamente marcou as evoluções subseqüentes das formas de ocupação do território;

1940 | a base infraestrutural da metrópole: o território onde se estavam a formar as linhas de desenvolvimento da futura metrópole de Lisboa, transformou-se a partir das grandes linhas infraestruturadas, com particular incidência nos caminhos de ferro e no porto de Lisboa;

1965 | o espaço máquina: começou a constituir-se uma conurbação pré-metropolitana verificando-se uma exploração intensiva do território e originando uma funcionalização do espaço expressa em formas de máxima produção;

1992 | uma metrópole de oportunidades: reconhece-se o primeiro estado realmente metropolitano, assistindo-se a uma renovação das oportunidades do solo, comparativamente ao período anterior;

2001 | uma transformação supra-metropolitana: a integração em redes de hierarquia superior determinou uma redução aparentemente homogênea do espaço desocupado o que contribuiu para uma paisagem indiferente e de poucos referentes urbanos.

A análise de cada período mostrou uma estrutura territorial em progresso, desde o seu fundamento até à sua condição actual de integração numa formação supra-metropolitana. A cada estado correspondeu uma leitura perfeitamente autónoma mas cuja sequência temporal explica a actual configuração da metrópole de Lisboa a partir dos espaços desocupados, permitindo enunciar algumas tendências de evolução. O conhecimento progressivo da formação metropolitana permitiu, justificadamente, qualificá-la em cada momento, mostrando que o espaço desocupado é o seu determinante essencial no território de Lisboa.

Este contributo propõe uma interpretação inovadora de um território concreto a partir da caracterização do espaço que não se ocupa, fundamentando-se numa metodologia própria. A utilização de algumas técnicas SIG aplicadas a um território específico, sobre o qual se avaliam de forma sistemática a importância e o papel

das várias formas de desocupado em cada um dos cinco momentos da formação metropolitana, permitiu constituir uma cartografia inédita sobre o tema, com potencialidades de uso futuro, assim como um arquivo cartográfico detalhado, também ainda inexistente, sobre o território em estudo. A metodologia e conclusões podem, eventualmente, ser aplicadas à interpretação de outras metrópoles.

A leitura sequencial da formação do território metropolitano de Lisboa permitiu uma interpretação compreensiva da sua condição presente, enunciando-se vários aspectos sobre os quais será interessante continuar a investigar, inclusivamente de forma prospectiva e projectual.

Paisagens Indiferentes

No início do século XXI as metrópoles europeias, são aparentemente mais homogéneas nas suas paisagens, não obstante, bastante características quando interpretadas na sequência de leituras anteriores. Os espaços desocupados que se observam à escala supra-metropolitana resultam, consequentemente, tanto de processos impulsionados pela rede europeia, que determinam paisagens relativamente indiferentes, como de movimentos endógenos sedimentados no crescimento progressivo das estruturas locais.

Neste quadro, o espaço desocupado começa finalmente a ser entendido como instrumento indispensável no ordenamento e projecto da metrópole, não só através de formas de protecção ambiental como de inovações nas próprias formas urbanísticas. Na interpretação da metrópole sub-global identificaram-se, no decorrer desta investigação especificamente no território metropolitano de Lisboa, os seguintes fenómenos inovadores associados aos espaços desocupados:

- > Áreas vitais de alcance supra-metropolitano: o impacto das redes de oportunidade determinam interesses logísticos;
- > Apropriação de grandes espaços desocupados característicos que deram origem à própria metrópole, como os estuários, que apuram os seus contornos com projectos urbanos, criando estímulos identitários e paisagísticos;
- > Parques urbanos de qualificação de espaços desocupados intermédios que actuam como mecanismos simultaneamente de ordenamento metropolitano e de criação de espaços públicos urbanos;
- > Condomínios isolados directamente ligados a saídas de auto-estradas, organizados em torno de um espaço paisagístico central, campo de golfe, e áreas de intervenção paisagística periféricas, exclusoras de uma envolvente por vezes urbanizada e de menor estatuto social;

- > Grandes propriedades agrícolas onde a transformação da produção origina dois fenómenos particulares: a). Cultivo industrial não directamente dependente da terra que necessita de grandes áreas abertas e de grande conectividade: b). Usos associados ao lazer, turismo e actividades pedagógicas e culturais cujo tema principal é a característica agrícola-ecológica destas grandes extensões abertas.

Esta interpretação da actual condição do território metropolitano de Lisboa permite não só um entendimento da sua morfologia metropolitana, como contributos para um estudo futuro de estratégias e metodologias de intervenção.

Ante a emergente necessidade de desenvolvimento de técnicas e instrumentos específicos no âmbito do ordenamento do território e do projecto urbano, estabelecem-se algumas linhas futuras de investigação e actuação, que alguns autores designam já de projecto metropolitano.

Bibliografia

- AAVV (edição Antonio Font ; coord. científica Francesco Indovina, Nuno Portas, Antonio Font), 2004, "L'explosió de la ciutat. Morfologies, mirades i mocions sobre les transformacions territorials recents en les regions urbanes de l'Europa Meridional", Col·legi d'Arquitectes de Catalunya-COAC/Forum Universal de les Cultures Barcelona 2004, Barcelona.
- AAVV (edição Ángel Martín Ramos), 2004, "Lo urbano en 20 autores contemporáneos", Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Edicions UPC, Barcelona
- DEMATTEIS, Giuseppe, 1995, "Progetto implicito. Il contributo della geografia umana alle scienze del territorio", Franco Angeli, Milano.
- FONT, António, LLOP, Carles, VILANOVA, Josep, 1999, "La construcció del territori metropolità. Morfogènesi de la regió urbana de Barcelona, Àrea Metropolitana de Barcelona-Mancomunitat de municipis".
- GEORGE, Pedro; MORGADO, Sofia, 2004, "Dinâmicas de Uso e Ocupação do Solo da Área Metropolitana de Lisboa 1940-2001", Protocolo Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo / Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- HALL, Peter, 2002, "Urban and Regional Planning", Routledge, London and New York.
- MORGADO, Sofia, 2005, "Protagonismo de la ausencia. Interpretación urbanística de la formación metropolitana de Lisboa desde lo desocupado", Tese de Doutoramento, Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidade Politècnica da Catalunya, Barcelona.
- PAVIA, Rosario, 2002, "Babele. La città della dispersione", (Babele/7), Meltemi editore, Roma.

SECCHI, Bernardo, 2000, "Prima Lezione di urbanística", Editori Laterza (Universal Laterza/800), Roma-Bari, 2002.

SIEVERTS, Thomas, "Cities without cities. An interpretation of the Zwischenstadt", Spon Press/ Routledge, 2003, London/ New York

VIGANÓ, Paola, 1999, "La città elementare", Biblioteca di Architettura Skira/7, Skira Editore, Milão.